LUMINA
Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação
Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF
e-ISSN 1981-4070

Cineclube Vésper:

uma experiência de cineclubismo no Cariri cearense

Aluísio Ferreira de Lima[1], Aline Rebouças Azevedo Soares[2] e Gilles Vianna Alves Diniz[3]

Resumo

Este artigo traz uma apresentação do Cineclube Vésper, iniciativa do Grupo de Estudos Sétima de Cinema. Este estudo de caso é parte integrante de uma pesquisa maior que aborda a presença de cineclubes na região do Cariri cearense e os relaciona ao caráter emancipatório oferecido pela espectação cinematográfica que promovem. O estudo também oferece um panorama da prática cineclubista na região como reafirmação da importância de uma cultura cinematográfica que promova a emancipação do pensamento a partir da sétima arte e formação crítica de público. Trazemos também um breve relato do surgimento do Grupo Sétima, coletivo mobilizador de eventos de cinema no Cariri, assim como a configuração do Cineclube Vésper é descrita de modo a situá-la enquanto iniciativa cineclubista local comprometida em promover debates ao final dos filmes e oferecer sessões com acessibilidade em Libras em um espaço público como o auditório do CCBNB — Cariri. Apoiados em estudos sobre cineclubismo e formação crítica do público, buscamos incluir a iniciativa do Cineclube Vésper no cenário de estudos sobre cineclubes, cultura cinematográfica e sobre o ato de ir ao cinema.

Palavras-chave

Cineclube; práticas cineclubistas; cultura cinematográfica; espectação cinematográfica; formação de público.

[1]Doutor com Pós-doutorado e mestrado em Psicologia Social. Professor titular da Universidade Federal do Ceará (UFC), dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia e de Comunicação. Bolsista de produtividade em pesquisa (PQ-1D/CNPq). E-mail: aluisiolima@ufc.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9747-4701

[2]Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) com estágio pós-doutoral em comunicação (UFC). Mestre em Comunicação (UFC). E-mail: reboucas24@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8815-8798

[3]Bolsista CAPES de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Comunicação (UFC). Graduado em Jornalismo (UFCA) e em Direito (URCA). É integrante do Grupo de Estudos Sétima de Cinema e coordenador do Cineclube Vésper (lei Paulo Gustavo). E-mail: gillesdiniz@alu.ufc.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3166-9386

LUMINA
Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação
Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF
e-ISSN 1981-4070

Vesper Film Club:

A film club experience in Cariri, Ceará

Aluísio Ferreira de Lima[1], Aline Rebouças Azevedo Soares[2]
e Gilles Vianna Alves Diniz[3]

Abstract

This article presents the Cineclube Vésper, an initiative of the Sétima Film Study Group. This case study is an integral part of a larger research project that addresses the presence of film clubs in the Cariri region of Ceará and relates them to the emancipatory nature offered by the cinematic spectation they promote. The study also offers an overview of film club practice in the region as a reaffirmation of the importance of a cinematographic culture that promotes the emancipation of thought from the seventh art and critical audience development. We also provide a brief account of the emergence of Grupo Sétima, a collective that mobilizes film events in Cariri, and the configuration of Cineclube Vésper is described in order to situate it as a local film club initiative committed to promoting debates at the end of films and offering sessions accessible in Libras in a public space such as the CCBNB — Cariri auditorium. Supported by studies on film clubs and critical audience development, we sought to include the Cineclube Vésper initiative in the context of studies on film clubs, film culture, and the act of going to the movies.

Keywords

Film clubs; film club pratices; film culture; film spectatorship; audience building.

[1]Doutor com Pós-doutorado e mestrado em Psicologia Social. Professor titular da Universidade Federal do Ceará (UFC), dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia e de Comunicação. Bolsista de produtividade em pesquisa (PQ-1D/CNPq). E-mail: aluisiolima@ufc.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9747-4701

[2]Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) com estágio pós-doutoral em comunicação (UFC). Mestre em Comunicação (UFC). E-mail: reboucas24@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8815-8798

[3]Bolsista CAPES de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Comunicação (UFC). Graduado em Jornalismo (UFCA) e em Direito (URCA). É integrante do Grupo de Estudos Sétima de Cinema e coordenador do Cineclube Vésper (lei Paulo Gustavo). E-mail: gillesdiniz@alu.ufc.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3166-9386

LUMINA
Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação
Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF
e-ISSN 1981-4070

Cineclub Vésper:

una experiencia de cineclube en la región de Cariri, Ceará

Aluísio Ferreira de Lima[1], Aline Rebouças Azevedo Soares[2] e Gilles Vianna Alves Diniz[3]

Resumen

Este artículo presenta el Cineclube Vésper, una iniciativa del Grupo de Estudio Cinematográfico Sétima.. Este estudio de caso es parte integral de un proyecto de investigación más amplio que aborda la presencia de cineclubs en la región del Cariri de Ceará y los relaciona con la naturaleza emancipadora ofrecida por la espectación cinematográfica que promueven. El estudio también ofrece una visión general de la práctica de los cineclubes en la región como una reafirmación de la importancia de una cultura cinematográfica que promueve la emancipación del pensamiento del séptimo arte y el desarrollo del público crítico. También ofrecemos un breve relato del surgimiento de Grupo Sétima, colectivo que moviliza eventos cinematográficos en Cariri, y la configuración del Cineclube Vésper se describe con el fin de situarlo como una iniciativa de club de cine local comprometida a promover debates al final de las películas y ofrecer sesiones accesibles en libras en un espacio público como el auditorio CCBNB — Cariri. Con el apoyo de estudios sobre cines y desarrollo del público crítico, buscamos incluir la iniciativa Cineclube Vésper en el contexto de los estudios sobre cines, cultura cinematográfica y el acto de ir al cine.

Palabras clave

Cineclube; prácticas cineclubistas; cultura cinematográfica; espectacíon de cine; formacíon de público.

[1]Doutor com Pós-doutorado e mestrado em Psicologia Social. Professor titular da Universidade Federal do Ceará (UFC), dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia e de Comunicação. Bolsista de produtividade em pesquisa (PQ-1D/CNPq). E-mail: aluisiolima@ufc.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9747-4701

[2]Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) com estágio pós-doutoral em comunicação (UFC). Mestre em Comunicação (UFC). E-mail: reboucas24@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8815-8798

[3]Bolsista CAPES de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Comunicação (UFC). Graduado em Jornalismo (UFCA) e em Direito (URCA). É integrante do Grupo de Estudos Sétima de Cinema e coordenador do Cineclube Vésper (lei Paulo Gustavo). E-mail: gillesdiniz@alu.ufc.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3166-9386

Introdução

A *cultura cinematográfica* local pode ser percebida por meio de elementos variados da cinefilia, como os cineclubes (e outros espaços de exibição), as revistas sobre cinema, os blogs de resenha e os colecionadores de arquivos e histórias sobre os antigos cinemas de rua. A terminologia "cultura cinematográfica", diz respeito, de acordo com Pereira (2017),

> [...] à formação de gostos e habilidades específicas acerca da linguagem, da história, da técnica do cinema, construída a partir da visão de filmografias [...] nesse modelo, possuir cultura cinematográfica passa por adquirir, para o fã e especialmente para o cinéfilo cineclubista, os fundamentos da linguagem cinematográfica, possuir repertório, tanto de filmes como de livros (Pereira, 2017, p. 16).

Os cineclubes são iniciativas responsáveis pela manutenção da cultura cinematográfica e amadurecimento do público local em relação às atividades ligadas ao cinema como mostras, festivais, grupos de estudo, premiações e publicações de revistas. Também expressões coletivas de cinefilia (termo cunhado para designar a cultura da afeição pelo cinema), os cineclubes têm por marco inicial no Brasil a criação do Chaplin Club, em junho de 1928, no Rio de Janeiro, apesar de uma década antes já existirem grupos de cinéfilos que se reuniam para assistir e conversar sobre cinema, também no Rio de Janeiro (Butruce, 2003). O Chaplin Club tinha a própria publicação, a revista *O Fan*, que contou com nove edições durante quase dois anos, criando assim uma cultura de revistas de crítica e divulgação de cinema ligadas a cineclubes.

Neste artigo, examinaremos de que maneira atuou, no cenário cineclubista da região do Cariri, o Cineclube Vésper (2024-2025), projeto que é resultado de uma mobilização do Grupo de Estudos Sétima enquanto coletivo promotor de cultura cinematográfica no Cariri, mais especificamente na cidade de Juazeiro do Norte/CE.

Esta pesquisa tem início quando do interesse em investigar a cultura cinéfila de Juazeiro do Norte, expressa por meio de seus cineclubes. O que apresentamos aqui é parte de uma pesquisa de mestrado, ainda em andamento, que pretende analisar três atividades cineclubistas em Juazeiro do Norte. Para o presente artigo, porém, escolheu-se fazer o estudo de caso de um cineclube não abordado na dissertação, mas que fora observado durante a pesquisa e cuja atividade também mantém viva a cultura cinematográfica local fruto da mobilização de um coletivo.

Sob uma perspectiva de discussão presente também em estudos de Melo (2019), sobre a atuação associada de grupos experimentais e clubes de cinema na Bahia, é que direcionamos o nosso estudo de caso, considerando o espaço do cineclube como impulsionador de cultura cinematográfica que proporciona "além da possibilidade de acesso a uma filmografia diversa, um espaço de formação para críticos, cineastas, produtores e técnicos" (Melo, 2019, p. 632).

A metodologia utilizada neste estudo é a observação participante no Cineclube Vésper, a fim de perceber elementos como programação, localização da sala e curadoria e se há impacto em seu público. Este artigo apresenta o Cineclube Vésper dentro de um contexto de pesquisa acerca da atividade cineclubista em Juazeiro do Norte, objeto mais amplo investigado em dissertação ainda em desenvolvimento. Para o presente trabalho, detemo-nos a trazer um pequeno relato da experiência cineclubista observada durante a execução do Cineclube Vésper, que se deu entre outubro de 2024 e julho de 2025. Para compreender a dinâmica do cineclube, além de frequentar as reuniões de pré-produção do projeto e algumas sessões de exibição, também acessamos o material de divulgação, o projeto aprovado pelo edital, a cobertura fotográfica e outros documentos disponíveis na internet como matérias, entrevistas e postagens em redes sociais.

No âmbito da cinefilia local, destacamos a atividade do Grupo de Estudos Sétima, que promove debate e estudo cinematográfico no mesmo espaço em que media as sessões do seu próprio cineclube. O grupo, geralmente chamado apenas de "Sétima", surgiu em 2012, idealizado pelo professor e mediador Elvis Pinheiro [1] e foi responsável pela organização de diversos eventos de exibição de cinema em Juazeiro do Norte. Em 2024, o coletivo teve o seu primeiro cineclube criado sob o apoio da Lei Paulo Gustavo, criada para apoiar artistas e espaços afetados pela pandemia de COVID 19.

Como apresentaremos neste relato, as atividades do *Cineclube Vésper* nos dão uma amostra, ainda que pequena, de como a prática cineclubista local interfere na realidade de seus frequentadores, promovendo uma emancipação do olhar crítico a partir do cinema. Diante da emergência de atividades cineclubistas em Juazeiro do Norte e da sua atuação enquanto impulsionadoras e mantenedoras da cultura cinematográfica no âmbito local, criando espaços para debate (as percepções e considerações sobre os filmes) e crítica (as resenhas e as referências) enquanto manifestações coletivas do pensamento, faz-se necessário situar o nosso relato do Cineclube Vésper no estado atual dos estudos sobre cineclubismo.

Lançamos uma visada sobre o caso do Cineclube Vésper como estratégia para compreender o impacto cultural do cineclubismo em seus frequentadores, constituindo, assim, um exemplo de política pública de difusão audiovisual com inserção local.

O potencial emancipatório da espectação cinematográfica

Dentre alguns trabalhos que se debruçaram acerca do potencial emancipatório dos clubes de cinema e cineclubes, podemos citar aqueles ao que nosso escopo de pesquisa mais se aproxima, como os de Sales (2014), Carvalho (2021), Gaze (2021) e Costa (2024). Além de encontrarmos fundamento nas discussões sobre cineclubismo

de Alves (2010), e sobre a experiência do cinema de Baecque (2010), bell hooks [2] (2023) e Morin (2025).

Sales, em seu artigo *As práticas do Clube de Cinema de Assis como fortalecimento da cultura cinematográfica no interior* (2014) faz um estudo localizado da presença do cineclubismo na cidade de Assis/SP, nas décadas de 1960 e 1980. Assim como Juazeiro do Norte, Assis, que fica a 400 km da capital São Paulo, possui um histórico de salas de cinema. Mesmo assim, segundo a autora, "a finalidade de uma sala comercial de cinema e a de um clube de cinema é diferente" (Sales, 2014, p. 5), sendo que, no clube, a relação dos espectadores com os filmes vai além de assisti-los. O trabalho de Sales, além destacar os debates estéticos, culturais, sociais e políticos ocorridos nos cineclubes, traz uma discussão sobre o engajamento dos organizadores do clube para conseguir os filmes e como essa dinâmica criou uma rede de contato dos cineclubes com as distribuidoras.

De acordo com Carvalho, em seu artigo *Cineclube como narrativa de resistência, prática de reflexão e crítica cinematográfica na/para a Contemporaneidade* (2021), "o cineclubismo é uma arena democrática, educativa e política, portanto, formativa, que se contrapõe às narrativas autoritárias" (2021, p. 91). Como explica o autor, a prática cineclubista surge dentro de um contexto que buscava o pluralismo no cinema na luta contra o colonialismo cultural e na reestruturação da linguagem. É o que podemos perceber na curadoria feita pela organização do Cineclube Vésper, ao reunir uma coletânea de filmes sobre minorias ou que sugiram novas maneiras de enxergar a realidade, com filmes estrangeiros (Alemanha, França, EUA) e nacionais figurando entre os exibidos. Apesar dos primeiros cineclubes serem espaços restritos a uma classe burguesa de intelectuais de cineastas, Carvalho (2021, p. 91) explica que essas atividades desempenharam um papel fundamental de educação emancipatória, servindo como espaço de resistência onde "ocorria o exercício da crítica cinematográfica, ampliando a leitura dos espectadores" (Carvalho, 2021, p. 92).

Ao investigar práticas cineclubistas no estado do Espírito Santo, sob uma perspectiva de recepção cultural na formação crítica do público, Gaze destaca que os filmes não são apenas bens comerciais, mas também expressões socioculturais contemporâneas (Gaze, 2021, p. 3). Gaze explica que "os hábitos e gostos ligados ao consumo de filmes têm uma ação direta na constituição do indivíduo como cidadão" (2021, p. 3) e reafirma a importância de políticas de democratização audiovisual: "as iniciativas cineclubistas são capazes de reunir as condições ideais para se formar um público com potencial de se apropriar culturalmente de uma produção audiovisual como um espectador crítico" (2021, p. 4).

Já Costa (2024) nos fornece uma importante classificação dos cineclubes, assim definindo um cineclube coletivo:

> Apesar de a coletividade ser uma característica comum ao cineclubismo de um modo geral, neste marcador inserimos os cineclubes que se

> organizam a partir do desejo de um grupo de pessoas, que não estão ligados a *priori* a uma instituição a não ser a sala de cinema que os abriga (apesar de alguns cineclubes coletivos contarem com o apoio de instituições), e não têm a sua criação fundada em uma base jurídica, ou seja, não possuem uma base legal no momento de sua criação (Costa, 2024, p. 126).

A partir dessa classificação, podemos compreender de que maneira se organiza o Grupo Sétima, que, como nos explica Costa, pode ser entendido da seguinte maneira: "ao invés de um grupo de amigos que se reúne em torno de uma ideia, é uma ideia que reúne um grupo de pessoas que poderão se tornar amigos. A aliança formativa acontece aqui antes do laço afetivo. A comunidade se forma em torno da exibição dos filmes, e não o contrário" (Costa, 2024, p. 127).

Alves (2010) explica que o cineclubismo tornou-se um dos mais importantes movimentos culturais da atualidade e na medida em que a prática cineclubista vai além da mera exibição de filmes, ela "consegue tornar-se efetivamente um movimento cultural capaz de formar não apenas um 'público', mas sujeitos humanos comprometidos com a transformação histórica da sociedade burguesa" (2010, p. 7).

Uma vez que a imagem audiovisual se configurou como o mais importante elemento dos processos de subjetivação/dessubjetivação do homem no século XXI (Alves, 2010, p. 11), podemos afirmar que, para a formação crítica na atualidade, as imagens audiovisuais devam estar presentes, criando nexos, sentidos, leituras e revisando conceitos pré-estabelecidos. Ainda que a ordem do capital tenha se apropriado da imagem audiovisual como instrumento de alienação das massas (Alves, 2010, p. 11), no sentido da emancipação humana essas imagens são também capazes de subverter, reapropriar e ressignificar as muitas leituras da realidade, criando sentidos nos espectadores a partir de seus nexos audiovisuais. Para bell hooks (2023, p.18), o cinema oferece uma versão reimaginada, reinventada da realidade e, embora nos pareça familiar, ele mostra um universo à parte do mundo real.

Assim, a prática cineclubista não ocorre apenas como prática de lazer, mas como prática social de apropriação das imagens audiovisuais pelos coletivos sociais, configurando-se como uma prática de radicalidade cultural que cria espaços de debate, sociabilidade, reflexão e de ressignificação simbólica, linguística e conceitual das imagens audiovisuais exibidas (Alves, 2010, p. 12). A prática de ressignificação das imagens audiovisuais não é neutra e depende também de um trabalho ideológico que leva em conta diferentes visões de mundo, como veremos adiante, percebidas no aspecto heterogêneo do público do cineclube em estudo.

Citando os estudos de Baecque feitos em 1944-1968, presentes em seu livro *Cinefilia* (2010), Melo (2019, p. 634) destaca que, além da importância de uma pesquisa documental variada, a inserção numa perspectiva da história cultural e um olhar concentrado em um grupo/atividade específicos, é necessária uma contextualização do espaço e tempo social em que está inserida a pesquisa. Motivo pelo qual buscamos

trazer para os contornos locais da região do Cariri a observação participante no cineclube que pretendemos aqui relatar.

Outra contribuição importante para pensar os sentidos emancipatórios do cinema nos é oferecida por Morin (2025), que assinala ser na espectação fílmica o momento em que somos capazes de atribuir a personagens, lugares e situações fictícias aspectos que são nossos, de nossas próprias vidas psíquicas (faltas, desejos, angústias, medos...) (projeção), ao passo que também encontramos em nós características de personagens, atitudes ou situações exibidas na narrativa de ficção que assistimos (identificação). Esses processos são característicos do ser humano nos seus modos de fazer e de se relacionar consigo, com o outro e com a cultura desde os tempos das formações das primeiras mitologias. Para Alves (2010, p. 12), o processo de ressignificação de um filme também promove uma desfetichização da vida humano-social, na medida em que consegue ir além da tela (do filme exibido) e se relaciona com o espectador, uma vez que "refletir significa 'voltar-se sobre si', que é o sentido etimológico da palavra latina 'reflexione' [...] o movimento de 'reflexão crítica' no sentido intelectual-moral é a verdadeira significação da formação humano-genérica (2010, p. 12).

Uma exibição de filme num cineclube permite diálogo posterior entre os espectadores, um tempo para debates e trocas de impressões e, para além da discussão do tema, é possível fazer apontamentos sobre as escolhas estéticas e os elementos específicos da linguagem cinematográfica ali presentes (predominância de determinados planos ou movimentos de câmera, por exemplo). A espectação cinematográfica, que já possui caráter coletivo no âmbito cineclubista, visto que um grupo de pessoas assiste ao mesmo filme durante a mesma passagem de tempo (o tempo do filme) e no mesmo lugar, expande esse traço na criação de diálogos e partilhas do que foi experienciado.

O potencial emancipatório da espectação cinematográfica

As salas de cinema na região do Cariri cearense, mais especificamente nas suas três cidades mais populosas (Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha), tiveram grande importância na constituição da cultura cinematográfica local, em especial durante o período em que essas salas estiveram ativas, em meados dos anos 1960 e 1970 (Junior, 2020, p. 29). Conforme analisado no trabalho de Mapurunga: "O culto ao cinema de arte na geração de sessenta em Fortaleza" (2009), a década de 1960 representou um momento de forte expressão da cinefilia na capital, enquanto Butruce (2003, p. 119) nos mostra que até meados da década de 1970, devido a um importante suporte da Cinemateca Brasileira, muitos cineclubes espalhados pelo país foram abastecidos com filmes. É por volta dessa época que várias salas de cinema caririenses funcionavam simultaneamente como o Cine Moderno, Cine Rádio Araripe, Cine Educadora, Cine

São José e o Cine Casino Sul-Americano, na cidade de Crato; o Cine Eldorado e o Cine Plaza em Juazeiro; e o Cinema Neroli, em Barbalha (Rodrigues, 2017).

Em Juazeiro, onde até hoje há um forte turismo religioso, cultural e artístico, com forte fluxo de romarias em virtude do Padre Cícero [3] , as salas de cinema foram bastante populares principalmente na década de 1970, época de larga produção cinematográfica na região do Cariri (Camurça, 2019, p. 45). No final dos anos 1990, porém, muitos cinemas de rua já haviam sido desativados, encerrando suas atividades gradativamente, com o surgimento de novas tecnologias e modos de consumo cinematográfico como a fita VHS e o DVD.

Tais mudanças sociais, urbanas e tecnológicas, no entanto, corroboraram para o arrefecimento do mercado audiovisual, principalmente com a chegada da televisão ao interior do estado, momento em que muitas das salas de cinema de rua fecharam suas portas para se transformarem em lojas, bares, templos religiosos ou estacionamentos, restringindo as exibições aos cinemas de shopping. Em Juazeiro, não foi diferente: o último dos cinemas de rua, o Cine Eldorado, permaneceu ativo até 1997, exibindo pornochanchadas nos seus últimos anos de funcionamento, mas com o falecimento do operador Antonio Severino o espaço fechou suas portas de vez para tornar-se um estacionamento (Rodrigues, 2017).

Em 1997, porém, outro marco para a cultura cinematográfica local foi a inauguração de um cinema multiplex no Cariri Shopping (hoje, Cariri Garden Shopping [4]), localizado na entrada da cidade, distante do centro. O multiplex do Cariri Shopping inaugurou um espaço mais paramentado que os das salas que existiam antes na cidade: ambiente climatizado, poltronas acolchoadas e um moderno equipamento de projeção e de som. Em 2011, o Cariri Shopping passou por uma grande reformulação, ampliando seu espaço e aumentando o número de salas de seu cinema. Inaugurado no ano seguinte apenas, em 2012, o novo cinema possui seis salas de exibição e é gerido pela Orient Cinemas. Por muito tempo, até o surgimento do primeiro cineclube da cidade em 2003, o multiplex do Cariri Shopping foi o espaço público de exibição de filmes mais frequentado, embora ainda houvesse algumas exibições de pornochanchadas nos antigos cinemas de rua antes de seu fechamento total.

Em 2003, no SESC Unidade Juazeiro, o mediador Elvis Pinheiro, a convite da coordenação, criou uma programação de exibição de filmes com a sua curadoria, fazendo nascer a primeira iniciativa cineclubista documentada da região, o Cineclube Paradiso e, apesar de seu curto período de atividade, foi a partir dele que derivaram muitas outras iniciativas, ligadas ou não a uma instituição. Foi com o Cineclube Paradiso, com Elvis Pinheiro, que a cultura cinematográfica de Juazeiro do Norte passou a formar um público espectador de cineclubes. O mesmo mediador, que já desenvolveu várias iniciativas cineclubistas na região como Sessão de Arte (2005-2007), Cine Café (2009-), Cinematógrapho (2009-

2016) e Cinemarana (2010-2016), comenta em entrevista acerca da curadoria do cineclube em relação ao cinema do shopping:

> O cinema, por estar num shopping, vai considerar o filme que exibe um produto com etiqueta e prazo de validade. A pessoa entra no cinema como se entrasse na praça de alimentação e consome o filme com a mesma desimportância com que come um sanduíche, toma um sorvete, bebe um refrigerante e exige a mesma qualidade de satisfação que exige de lojas de roupa ou de comida. O problema, portanto, não é o tipo de filme exibido, mas a relação que o público necessariamente consumidor trava com a sala de exibição. Aquela sala é proibida de passar filmes que desagradem ao gosto das famílias, das crianças, dos adolescentes, dos casais de namorados heterossexuais, dos idosos. Ela não vai desagradar a clientela. O filme ruim será sempre o filme tido como "lento", "difícil", "chato", "polêmico", "sujo". É maravilhoso que exista esse cinema porque as cadeiras são muito confortáveis, o som e a imagem são excelentes e porque existem filmes muito bons que merecem todo esse aparato para serem vistos. As salas que eu estou à frente não podem competir. Vou continuar mandando as pessoas desligarem o celular, vou servir de bedel, pedindo silêncio e vou continuar exibindo filmes independente que a maioria aprove ou não aquele filme. Precisamos de salas de cinema para que todas as imagens estejam disponíveis para o público (Entrevista cedida por Elvis Pinheiro, 2014).

Como nos ensina Gaze (2021), há um contingente que prefere frequentar cineclubes, seja devido aos filmes exibidos – geralmente filmografias estrangeiras e independentes – seja pela experiência de partilhar suas percepções ao final do filme com os outros espectadores. Vale ressaltar que o cinema presente no Cariri Garden Shopping nem sempre oferece uma grade com programação acessível para todos os perfis de espectador, com sessões legendadas terminando após o horário de viagens oferecido pela única empresa de transporte público da região, deixando como solução para aqueles que não possuem veículo próprio apenas os aplicativos de transporte. Para quem depende do transporte público, porém, os cineclubes locais representam uma alternativa mais acessível, já que não cobram ingresso e fazem sessões com início e término mais cedo em relação às sessões do cinema do shopping. No caso das atividades cineclubistas que acontecem no Centro Cultural Banco do Nordeste – CCBNB Cariri, as sessões não ultrapassam o horário de funcionamento do centro cultural, que é às 21h.

Segundo Melo (2019, p. 633), a atividade cineclubista foi durante muito tempo considerada "um dos caminhos primordiais do percurso de iniciação ao cinema", localizando esses espaços como convidativos à reflexão e ao debate, além de oferecerem cinematografias além das hollywoodianas que, de acordo com o estudo da autora, ocupam majoritariamente as salas de exibição no Brasil. Além de promover variedade fílmica, os cineclubes em Juazeiro do Norte passam por diversos espaços, do institucional ao universitário, da iniciativa coletiva à individual, localizam-se central ou perifericamente. Como adiciona Melo,

> Ainda que a definição geral de cineclubismo tenha no horizonte o modelo clássico francês, as experiências concretas indicam que, a depender das possibilidades e circunstâncias, os clubes de cinema e cineclubes se organizaram de maneiras muito particulares, conforme cada local (Melo, 2019, p. 633).

No caso em foco, o Cineclube Vésper, observamos uma dinâmica que leva em conta a localização da instituição onde ocorre, o CCBNB Cariri, no centro de Juazeiro do Norte; a curadoria dos filmes e o momento do debate após a exibição do filme, quando os espectadores elaboram suas considerações a partir do que foi assistido.

Numa tentativa de responder como a atuação desse cineclube corroborou para o fortalecimento da cultura cinematográfica de Juazeiro do Norte é que trazemos este breve relato de como se deram as suas atividades. Como explica Pereira (2014), os cineclubes se estruturaram como uma rede de sociabilidade ligada ao espaço urbano, movimento que passou por diversos momentos de efervescência e arrefecimento, seja por perseguição política, seja por falta de incentivos públicos. Assim, o Cineclube Vésper, em seu tempo de execução definido pelo edital de apoio Lei Paulo Gustavo, reafirmou o auditório do sétimo andar do CCBNB Cariri como um espaço de exibição alternativa de cinema, reforçando outras atividades ligadas a cinema que se dão nesse espaço, como os estudos Grupo Sétima e o Cine Café, nas noites de sábado.

Para Juazeiro do Norte e região do Cariri, esses espaços de exibição alternativos ao cinema do shopping têm um valor cultural e social, estimulado pelo seu histórico de forte produção cinematográfica na década de 1970 e 1980, expressa em diferentes gerações de cineastas locais (Rosemberg Cariry [5] , Jefferson de Albuquerque Jr. [6], Nívia Uchôa [7] , e pela presença de cinemas de rua (como visto acima). Além de também existirem produtoras locais como a Fulô Filmes [8] e a Caldeirão Filmes [9].

Apesar do fechamento dos cinemas de rua, da abertura de salas multiplex no shopping e do aparecimento de novas formas de consumo de filmes, a prática cineclubista não desapareceu. Na cidade de Juazeiro, a constituição de um público cinéfilo se deve em grande parte à iniciativa das atividades criadas pelo Grupo Sétima, que há quatorze anos dedica-se à formação de público e promoção de cinema por meio de mostras e encontros de audiovisual, e edição de uma revista local de crítica cinematográfica, a *Sétima*.

O potencial emancipatório da espectação cinematográfica

No dia 16 de maio de 2012, numa quarta-feira à tarde, começava na sala de ensaios do teatro Patativa do Assaré no SESC Unidade Juazeiro, o primeiro encontro do Grupo de Estudos de Cinema: História, Teoria e Crítica. Foi então planejada uma revista de críticas e resenhas cinematográficas, a *Revista Sétima*, motivo pelo qual, em 11 de setembro de 2013, o Grupo passou a se chamar Grupo de Estudos Sétima de

cinema, oficializando tanto o caderno de crítica cinematográfica quanto o grupo de estudos, como consta em sua ata de inauguração, registrada em cartório no ano de 2017.

No início do grupo, quase cem pessoas, amontoadas e ansiosas para estudar cinema, se reuniram naquele teatro para lerem juntas *O que é Cinema?* (Bernardet, 2014). A discussão inicialmente proposta no livro era saber se o cinema era a arte do real. Paralelamente, no dia seguinte ao surgimento deste grupo de estudos no SESC Juazeiro, na Unidade Crato, no turno da noite, uma outra turma se aventurava no mesmo desafio de estudos cinematográficos.

Pouco tempo depois, o grupo diminuiu, a turma noturna se dispersou e os que puderam permanecer migraram para os encontros da tarde que seguem até hoje. Por muitas razões, alguns integrantes deixaram o grupo, com ou sem aviso, enquanto outros saíam ao descobrir que aquele não era um curso, e que ali também não aprenderiam a fazer filmes, mas que iriam ler e discutir, a princípio, textos básicos, para uma compreensão de crítica cinematográfica e história do cinema, como *Cinefilia* (Baecque, 2010) e *Cinema como fato social* (Turner, 1997) e *Lacrimae Rerum: Ensaios sobre cinema moderno* (Žižek, 2018). Essas leituras feitas no âmbito do grupo de estudos permitem aos integrantes extrair das imagens audiovisuais novas significações.

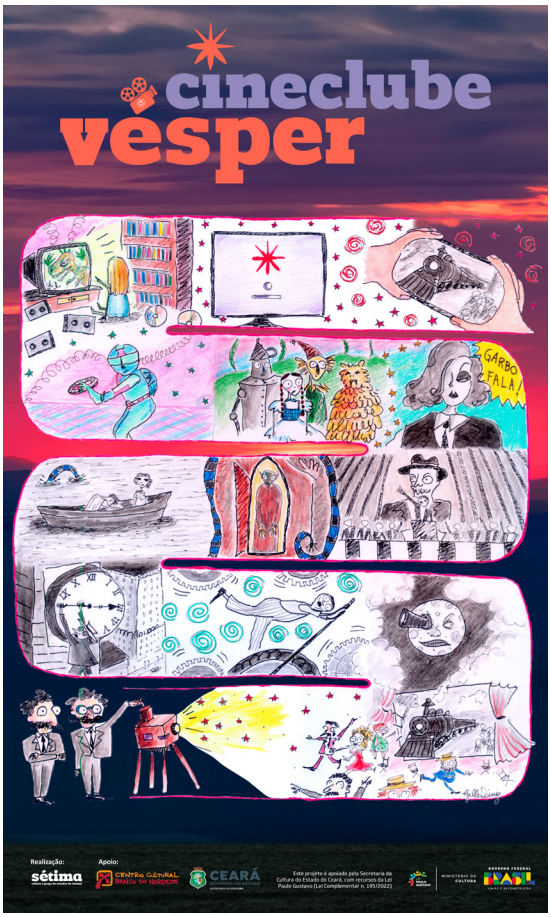
Para além dos estudos em cinema, o grupo Sétima ainda pode ser classificado como coletivo (Miglorin, 2012), pois não apenas se reúne para ler e discutir cinema como também organiza mostras, festivais e encontros de audiovisual, constituindo-se como um dos principais agentes culturais da região nesta atividade de curadoria e mediação de cinema.

Embora seja apenas com o Cineclube Vésper, em 2024, que o grupo será contemplado com o apoio de um edital de fomento, na última década o coletivo Sétima já organizou várias edições da sua *Mostra 21* (mostra de filmes criada pelo coletivo enquanto esteve vinculado ao SESC) e do Festival Varilux de cinema francês, em parceria com o Institut Français.

Cineclube Vésper

Surgido a partir de um projeto que vinha se desenvolvendo ainda em 2023, o Cineclube Vésper é o resultado prático dos estudos de cinema do grupo Sétima, pois que se configura como um momento em que os integrantes do grupo praticam a mediação dos filmes e debate sobre eles. O esboço do projeto foi feito no final de 2023, com a intenção de inscrevê-lo no edital de apoio ao audiovisual cearense (Lei Paulo Gustavo), lançado no início do ano de 2024.

Figura 1: Poster de divulgação Cineclub Vésper



Fonte: Acervo Grupo de Estudos Sétima de Cinema, 2024

Figura 2: Foto da sessão do dia 19 de fevereiro de 2025 do *Cineclub Vésper* com a presença de turma de estudantes



Fonte: Acervo Cineclub Vésper (2025)

Figura 3: Foto da sessão do dia 25 de março de 2025 do Cineclub Vésper com intérpretes de Libras



Fonte: Acervo Cineclub Vésper (2025)

Com um período de execução estabelecido em 12 meses, o Cineclube Vésper fez a curadoria dos filmes a serem exibidos ainda na sua fase de pré-produção. No total, foram dez sessões de filmes estrangeiros e brasileiros, exibidos entre outubro de 2024 e julho de 2025. O incentivo financeiro global fornecido pela Lei Paulo Gustavo (2023) para a modalidade "Criação de cineclubes" foi de R$ 36 mil reais, valor que permitiu ao grupo Sétima não apenas remunerar os seus integrantes pelas atividades de mediação durante o projeto (embora já atuassem de maneira voluntária na organização de eventos de exibição enquanto coletivo), mas trazer intérpretes de Libras para as sessões do cineclube, algo que até então não fora observado em nenhuma outra iniciativa.

Outro fator imprescindível fornecido pelo apoio foi poder investir em material de divulgação exclusivo como garrafas, bolsas e broches, sorteados em várias sessões. A identidade visual do projeto foi um fator que contribuiu para atrair mais público nas sessões, embora o fator acessibilidade em Libras em metade das sessões tenha trazido um público de surdos que nunca havia frequentado aquele espaço.

O grupo Sétima realiza as suas reuniões sempre às quartas-feiras à tarde, dia também escolhido para acontecerem as sessões do seu cineclube, no mesmo auditório em que se reúne o grupo de estudos Sétima de Cinema e que, aos sábados, ocorre o Cine Café.

Foi desenhada logomarca, pôsteres e cards de divulgação para o cineclube, bem como organizada uma curadoria que contemplou filmes nacionais e estrangeiros, clássicos e contemporâneos em dez sessões de exibição gratuitas, das quais a metade contou com a presença de intérpretes de Libras para público surdo. Além de estudar sobre cinema todas as quartas-feiras (dia escolhido para também acontecer as sessões do cineclube), o Grupo de Estudos Sétima estende a sua atuação ao exibir mensalmente filmes que dialoguem com diversas questões da atualidade.

O primeiro filme exibido pelo cineclube foi o premiado documentário *A paixão de J. L.* (2016), sobre a vida e obra do artista José Leonilson, seguido de um debate e sorteio de brindes exclusivos pensados para este cineclube. Alguns outros títulos exibidos no Cineclube foram: *A última gargalhada* (1924), *Maria Luiza* (2020), *As aventuras do príncipe Achmed* (Reiniger, 1926) e *A noite dos mortos vivos* (1968). Os filmes do cineclube foram adquiridos de diversas maneiras: compra dos direitos de exibição com a produtora, obras em domínio público disponíveis na internet e cessão gratuita do filme pelo realizador. A variedade de filmografias trazidas pelo Cineclube Vésper foi importante inclusive para que os espectadores percebessem diferenças entre narrativas provindas de nacionalidades diferentes, pois como afirma Carvalho:

> A prática da cinefilia pode, no exercício do cineclubismo, contrapor o padrão hollywoodiano, que tem por objetivo um processo de edificação e difusão de uma identidade estadunidense e que prenuncia, ainda, a imposição de um padrão de produção e distribuição de filmes, constituindo a indústria cultural do cinema. O movimento cineclubista contrapõe-se a esse processo porque vai se estabelecer como um

> espaço crítico para refletir sobre essa ação. As práticas cineclubistas vão na contramão da disseminação do modelo de distribuição da indústria cinematográfica porque, enquanto essa indústria bloqueia o acesso à diversidade cultural, os cineclubes realizam o inverso, prestigiando a pluralidade de filmes (Carvalho, 2021, p. 92).

A partir da observação participante, observamos que o volume de público no Cineclube Vésper foi pequeno nos primeiros meses de execução. A divulgação ainda se mostrou um desafio, sobretudo ao se tratar de programação de cinema no meio da semana, em dia e horário conflitantes com a rotina estudantil e laborial do centro de Juazeiro do Norte. No entanto, na segunda metade do projeto, um maior volume de público pode ser observado, tanto composto por alunos de escolas públicas do município quanto estudantes universitários, sobretudo em duas ocasiões: i) quando do lançamento da coletânea de textos do grupo de estudos "Teoria de Cinema: novos olhares", financiada pelo CCBNB; e ii) na última sessão do Cineclube Vésper em que fora exibido o filme cearense *Mais Pesado que o Céu* (2024), recém-lançado e não exibido no circuito comercial da região.

Assim, podemos compreender que o impacto da iniciativa proposta pelo Cineclube Vésper no centro da cidade foi a de propagar o acesso do público aos filmes para além do ambiente comercial, concentrado no único shopping da cidade (cuja localização não é central). Essa diferença na ambiência do espaço de exibição e da existência do debate ao final das sessões foram os aspectos do Cineclube Vésper mais destacados pelos frequentadores. Muitos dos presentes nas sessões do cineclube relataram nunca ter comparecido antes a uma atividade de exibição de filme com conversa ao final, fator que os fez frequentar outras sessões do projeto.

Nos relatos dos espectadores do Cineclube Vésper durante os debates, foi reiterado que a fruição no cineclube ocorre de maneira diversa daquela de um cinema comercial devido principalmente à escolha dos filmes exibidos, à não interferência do uso de celular durante a sessão e ao debate após o filme. As principais práticas de caráter emancipatório observadas no curso durante a observação do Cineclube Vésper, a presença, nos filmes, de temáticas sobre desigualdade social, relatos de vida das minorias e as transformações sociopolíticas representam um diferencial das obras exibidas no circuito comercial devido ao tratamento que dá aos discursos e às narrativas. Filmes como *A Paixão de J. L.* e *Maria Luiza* suscitaram, no debate após a exibição, partilhas sobre as histórias de vida dos espectadores, que encontraram nas obras assistidas exemplos de trajetórias pessoais como as suas. Prática que, segundo nos explica bell hooks:

> Além de oferecerem uma narrativa para discursos específicos sobre raça, sexo e classe, filmes também podem ser um canal de experiência compartilhada, um ponto de partida comum a partir do qual públicos diversos podem dialogar sobre assuntos polêmicos (hooks, 2023, p.19 20).

O público observado no Cineclube Vésper apresenta um perfil bastante heterogêneo e em cada sessão uma configuração diferente se apresentava. Mas pode ser notado que os frequentadores têm idade entre 17 e 40 anos, são, em sua maioria, profissionais autônomos ou estudantes universitários, trazendo um convidado ou tendo aceitado o convite de alguém que já frequentava o espaço nas sessões regulares aos sábados.

É importante compreender esses espaços não apenas como lugares de entretenimento, comuns à lógica da indústria cultural, mas como lugares de fruição de pensamento e trocas de experiências que, relacionadas ao contexto e território urbano dinâmico, proporcionam uma experiência de espectação cinematográfica diversa da que temos em cinema do grande circuito comercial. Diversa, vale destacar objetivamente, em alguns elementos-chave (Prado, 2013): 1) gratuidade, uma vez que está nas bases norteadoras dos cineclubes uma prática não lucrativa; 2) compromisso com a ética e 3) liberdade de pensamento. Sendo este último o que mais podemos reconhecer como sendo impactante em seus frequentadores, uma vez que, como já é rotina em outros eventos de exibição promovidos pelo grupo Sétima, o debate ao final das sessões é o momento em que podemos acessar e perceber de que maneiras diferentes as filmografias tocaram as pessoas.

No momento do debate promovido após a exibição de filme no Cineclube Vésper, o que podemos observar é não só a partilha de percepções sobre o filme, mas de que maneira a obra pode ressignificar a visão de mundo do espectador. A estudante de jornalismo Yasmin Feitoza, 26 anos, destaca a importância do debate na experiência do Cineclube Vésper:

> Eu acho que o Cineclube [Vésper], ele também é sobre o aprender a ouvir. Principalmente mais do que falar o que eu pensei durante o filme. É também escutar o que a outra pessoa pensou durante o filme pra ver, pra comparar com o que eu tô pensando (Entrevista cedida por Yasmin Feitoza em 01/07/2026).

O impacto de maior relevância observado na atividade do Cineclube Vésper certamente foi a presença da acessibilidade em Libras em metade das sessões, o que permitiu que o debate incluísse a comunidade surda na conversa. Na sessão em que foi exibido o documentário *Cabra marcado pra morrer* (1984), no dia 25 de março de 2025, havia duas intérpretes de Libras e, no debate após a sessão, foi possível ter o depoimento de espectadoras surdas, que nunca haviam frequentado um cineclube antes, nem aquele espaço do CCBNB. O perfil dessas frequentadoras era semelhante: mulheres negras, com mais de 40 anos de idade, sem ensino superior. Uma delas, Divina Maria, 51 anos, ao comentar sobre *Cabra marcado para morrer*, trouxe questões do filme que ressoam em sua vida pessoal:

> Eu quero parabenizar esse projeto por ter nos convidado, eu fiquei muito emocionada. Eu sei que vocês têm uma pesquisa muito larga,

> né? Essa proposta é muito maravilhosa, porque também nos traz informações da nossa própria língua, que a gente não tinha, né? Nós não éramos aceitos para opinar em lugar nenhum. E nós também sofremos essa desigualdade. E eu sofri e sofro por ser mulher, por ser surda, por ser negra, mas há um poder aquisitivo de um povo, que é a minoria na verdade, mas eles têm o poder sobre as pessoas (Fala de Divina Maria no debate do filme *Cabra marcado para morrer*, em 25/03/2025).

Ainda em seu relato, outros frequentadores surdos ressaltaram a importância não apenas de uma iniciativa que traga cinema gratuito, mas também com a presença de intérpretes de Libras para que mais pessoas surdas possam frequentar. Para aqueles espectadores, a relação com o filme no cineclube foi também de aprendizado, ao assistir obras como *A última gargalhada* e *Cabra marcado para morrer*, eles tiveram acesso a filmografias e narrativas diferentes daquelas que costumam consumir, devido à falta de acessibilidade em Libras. O aprendizado "sobre a própria língua" relatado por Divina Maria pode ser interpretado nas palavras de bell hooks:

> A maioria de nós ia ao cinema para adentrar um mundo diferente daquele que conhecemos e no qual nos sentimos mais confortáveis. E, mesmo que grande parte das pessoas diga que vai ao cinema para se divertir, verdade seja dita: muitos de nós, e me incluo aí, vamos ao cinema para aprender coisas. Muitas vezes o que aprendemos transforma nossa vida de algum modo (hooks, 2023, p. 17).

Por meio do incentivo público da Lei Paulo Gustavo é que iniciativas como a do Cineclube Vésper se tornaram possíveis. Ainda que assegurados em legislação própria [10] e definidas pela Agência Nacional de Cinema – ANCINE [11], os cineclubes no Cariri, em sua maioria, ainda operam sem apoio financeiro algum. Esses espaços, além de criarem uma programação regular de exibição gratuita de filmes para o contexto urbano de Juazeiro, colocam, por meio do exercício de assistir a filmes e debater sobre eles, a experiência cinematográfica também como um processo de produção de sentidos, como nos ensina hooks:

> Nesta era de misturas e hibridismo, a cultura popular, sobretudo o universo dos filmes, constitui uma nova fronteira que nos oferece uma sensação de movimento, de distanciamento daquilo que é familiar para que nos aventuremos no mundo do outro e além. Isso vale tanto para as pessoas que não têm muito dinheiro ou tempo livre quanto para o resto de nós. Filmes continuam a ser o veículo perfeito de introdução a certos ritos de passagem que se tornaram a experiência-padrão da travessia de fronteiras para todos os que desejam conferir a diferença e o diferente sem ter de se envolver na prática com "o outro" (hooks, 2023, p. 19).

Morin, ao entender o cinema como uma "máquina de sentir" (2025, p. 132), aponta as apropriações desses processos psíquicos pela experiência do cinema, mas também afirma que essa máquina "mastiga" para nós aquilo que devemos sentir, o que denuncia a ambiguidade da experiência do cinema. É nessa ambiguidade que

acreditamos situar-se a experiência emancipatória do cinema, a partir da criação de espaço e tempo para discussão e reflexão coletiva após a exibição de um filme, tal como ocorre em uma sessão de cineclube.

Portanto, a existência de uma iniciativa como a do Cineclube Vésper, e a de tantos outros cineclubes espalhados pelo país, reafirma a relevância da atuação de coletivos enquanto agentes que promovem essas práticas de cunho emancipatório, promovendo reflexões por meio da experiência cinematográfica e despertando o público para novas leituras da própria realidade.

Por meio da espectação cinematográfica, estar diante do filme é ser atravessado por fatores emocionais, psicológicos e sociais, que proporcionam diversos sentimentos, reflexões e pensamentos. Esta experiência, como ensina bell hooks (2023), é também de aprendizado e [re]conhecimento, pois o cinema, independente da época, está sempre a dizer, a provocar, a pensar.

Portanto, o Cineclube Vésper traz em seu escopo não apenas a criação de plateia e a mera exibição de filmes. Esse projeto surge a partir de uma necessidade de trazer em suas sessões uma experiência de espectação cinematográfica que instigue o desenvolvimento de um público crítico e autônomo. A atuação do Cineclube Vésper em seu um ano de atividades de exibição trouxe ao centro de Juazeiro do Norte uma iniciativa comprometida com a diversidade de temáticas (comprovada pela variedade de filmes exibidos, desde produções ficcionais estrangeiras a documentários nacionais), com o hábito de se elaborar uma discussão a partir daquilo que foi assistido (elemento importante do cineclubismo, expresso por meio de debate) e a acessibilidade, por meio da gratuidade da sessão, da descentralização do cinema de shopping e da presença de intérpretes de Libras durante a sessão e o debate.

Considerações finais

A partir do breve estudo de caso acima descrito, compreendemos melhor como práticas cineclubistas podem interferir e, mais que isso, promover sociabilidade e formação de um pensamento crítico nos frequentadores. Na concepção de cultura cinematográfica está incluída a formação de público promovida nesses espaços de exibição, os cineclubes, percebidos em vários momentos e territórios do país pelo menos desde 1928 (com o *Chaplin Club*, no Rio de Janeiro) e, devido a uma organização de distribuição de filmes para o resto do país, chegando a lugares além da região Sudeste, como o Cariri, objeto deste estudo. Mostramos que uma das principais iniciativas de exibição alternativa em Juazeiro do Norte se dá com o surgimento do Grupo Sétima, coletivo que mobiliza exibições em mostras, festivais e reunião de estudo de maneira independente, tendo no ano de 2024 a aprovação de seu primeiro cineclube registrado, contemplado por um edital governamental (Lei Paulo Gustavo).

A criação do *Cineclube Vésper* só foi possível devido ao apoio do edital, o que proporcionou investimento em divulgação da atividade e sessões com acessibilidade em Libras. Ainda que atuação do Grupo Sétima já ocorresse de maneira voluntária, o seu primeiro cineclube oficial, o *Cineclube Vésper*, só aconteceu em 2024, representando a sua principal iniciativa de formação de público com incentivo público em quatorze anos. Uma parceria entre o coletivo e o CCBNB Cariri que permitiu a democratização do cinema (nacional e estrangeiro) por meio de uma ação gratuita, com curadoria de filmes e mediação de debate comprometidas com a emancipação crítica do público.

A partir dessa experiência, podemos destacar na prática cineclubista o seu impacto social, uma vez que o *Cineclube Vésper* acontece nas tardes de quarta-feira no CCBNB Cariri, no centro da cidade de Juazeiro do Norte, mostrando como o cineclube se tornou a principal opção de cinefilia para quem deseja acessar diferentes filmografias e ver cinema gratuitamente. Mesmo com um perceptível arrefecimento de salas de cinema de rua no decorrer dos anos 2000, cineclubes como o *Cineclube Vésper* mantêm a cultura da formação de público ativa. Num contrassenso às plataformas de *streaming*, há um público que escolhe consumir filmes em cineclubes, uma vez que nesses espaços há uma partilha de percepções sobre os filmes e socialização com outros frequentadores. Assim a prática cineclubista ocorrida no *Cineclube Vésper* reafirma a relevância de políticas de incentivo ao audiovisual, com a criação de espaços de exibição com cinema acessível e comprometido com a formação crítica do público.

Notas

[1] José Eldo Elvis Pinheiro Moraes (1978-) é produtor cultural, curador e mediador de cinema. Coordena o Cine Café (CCBNB Cariri, Juazeiro do Norte-CE) desde 2010. É membro do Grupo de Estudos Sétima de Cinema, editor da revista Sétima de Cinema. Também participou dos documentários Sales e Salas (2016, Produtor); *Aos de hoje, aos de sempre* (2018, Codiretor); *Do couro à palha: artesãos do João Cabral* (2019, Codiretor).

[2] bell hooks (1952–2021) é o pseudônimo da escritora, professora e ativista feminista Gloria Jean Watkins, que optou por escrever seu nome com letras minúsculas para dar ênfase em suas ideias e não em sua pessoa. Ela queria que sua obra e suas mensagens fossem o centro das atenções, não sua identidade pessoal. O uso de letras minúsculas era uma forma de desconstruir a noção de autoria como algo grandioso ou individualista, alinhando-se com sua crítica ao ego intelectual e ao culto à personalidade.

[3] Cícero Romão Batista (1844-1934), mais conhecido como Padre Cícero, foi uma personalidade de forte influência na região do Cariri, principalmente na cidade de Juazeiro do Norte/CE. Já reconhecido como santo pelo catolicismo popular do Nordeste brasileiro, Padre Cícero move romarias e peregrinações desde o século XIX. Admirado por Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, Padre Cícero ganhou respeito e reconhecimento por todo o Nordeste, que até hoje vem à Juazeiro visitar a sua cidade. Também foi o primeiro prefeito de Juazeiro do Norte, tendo se aliado a oligarcas locais e firmado relações que até hoje permanecem controversas. Inaugurada em 1969, a estátua de 30 metros em homenagem a Padre Cícero recebe visitantes o ano todo, chegando a 2,5 milhões de peregrinos por ano, em quatro romarias principais. É considerada uma das personalidades mais importantes do Nordeste brasileiro. (Veiga, 2024).

[4] O Cariri Garden Shopping possui seis salas de cinema, os ingressos podem ser adquiridos

no site ingresso.com. O valor de uma entrada inteira é R$ 28,00. O Cariri Garden Shopping localiza-se na Avenida Padre Cícero, 2555, bairro Triângulo, em Juazeiro do Norte-CE, e atua há 26 anos na região.

[5] Rosemberg Cariry, nome artístico de Antônio Rosemberg de Moura, é filósofo de formação, cineasta por vocação, nasceu em Farias Brito-CE, no ano de 1953. Começou sua carreira cinematográfica em 1975, na cidade de Crato-CE, com documentários de curta metragem sobre artistas populares e manifestações artísticas do Ceará. Na década de oitenta, realizou os seus primeiros filmes documentários profissionais.

[6] Jefferson de Albuquerque Júnior possui mais de 40 anos como profissional do cinema cearense e brasileiro, tendo participado, como cenógrafo, diretor de arte, produtor executivo, diretor de produção e diretor assistente de 35 filmes de longa-metragem, entre os quais *Eles Não Usam Black-Tie* (Leon Hirszman, 1981), *Amantes da Chuva* (Roberto Santos, 1980), *Luzia Homem* (Fábio Barreto, 1988), a minissérie *O Pagador de Promessas* (Dias Gomes, Tizuca Yamazaki, 1988) e *Aos Ventos que Virão* (Hermano Penna, 2013) entre outros. Militante do audiovisual brasileiro, foi membro da Comissão de Reestruturação da Embrafilme e presidente da Associação Brasileira de Documentaristas e Curta-Metragistas tanto no Ceará quanto em Brasília, onde residiu.

[7] Nívia Uchôa é geógrafa, fotógrafa, cineasta independente e ativista na Frente de Mulheres do Cariri. Foi professora substituta no Centro de Artes Visuais Universidade Regional do Cariri -URCA. Trabalhou como fotografa na assessoria de imprensa do Governo do Estado do Ceará. Documenta a cultura no Nordeste desde 1993.

[8] Fulô Filmes é uma produtora cultural que atua na realização de filmes independentes, na região do Cariri cearense. É formada pela produtora Cheyenne Alencar, pelo diretor Jaildo Oliveira e pelo compositor Álisson Flor.

[9] Caldeirão Filmes é uma produtora de filmes do Cariri cearense formada pelo cineasta Ythallo Rodrigues e pelo professor e pesquisador de cinema Rodrigo Capistrano.

[10] A legislação que regulamenta a atividade cineclubista está presente na Lei nº 6.536 de 21 de novembro de 1968.

[11] Cineclubes estão regulamentados também na Instrução Normativa nº 63, de 2 de outubro de 2007 da Agência Nacional de Cinema – ANCINE.

Artigo submetido em: 24/06/2026 e aceito em 29/09/2026

Referências

ALVES, G. O Cinema como experiência crítica: tarefas políticas do novo cineclubismo no século XXI. *In*: ALVES. G.; MACEDO, F. (org.). **Cineclube, Cinema & Educação**. Londrina: Praxis, 2010, p. 7-25.

A NOITE DOS MORTOS VIVOS. Direção: George A. Romero, 1968. 96min, sonoro, preto e branco.

A PAIXÃO DE J. L. Direção: Carlos Nader. Brasil, 2014. 82 min, sonoro, colorido.

AS AVENTURAS DO PRÍNCIPE ACHMED. Direção: Lott Reiniger, 1926. 65min, sonoro, colorido.

A ÚLTIMA GARGALHADA. Direção: F.W. Murnau, 1924. 101min, mudo, preto e branco.

BUTRUCE, D. **Cineclubismo no Brasil:** esboço de uma história. Acervo, [S. l.]. Rio de Janeiro, v. 16, nº 1, p. 117-124, jan/jun, 2003. Disponível em: https://lnk.ink/W85XG. Acesso em: 6 ago. 2025.

CABRA MARCADO PARA MORRER. Direção: Eduardo Coutinho. Brasil, 1984. 119 min, sonoro, preto e branco e colorido.

CAMURÇA, R. C. **Corte Seco Revista de Audiovisual**. Versão digital. Juazeiro do Norte, Ceará, 2019, ano 1, edição 1.

CARVALHO, A. Cineclube como narrativa de resistência, prática de reflexão e crítica cinematográfica na/para a contemporaneidade. **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 90-97, jul./dez. 2021. http://dx.doi.org/10.5935/2177-5672/trama.v12n2p90-97.

COSTA, J. V. **Cineclubismo de invenção**: Percurso histórico-crítico sobre o cineclubismo como um dispositivo de formação coletiva e suas perspectivas atuais. Tese de doutorado em Comunicação Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2024.

DE BAECQUE, A. **Cinefilia**: a invenção do olhar, história de uma cultura. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

DINIZ, G. Entrevista feita com Yasmin Feitoza, 2026.

GAZE, F. Práticas do consumo audiovisual: os cineclubes na formação crítica do público. In: SEMINÁRIO DE COMUNICAÇÃO E TERRITORIALIDADES, 7. Vitória: UFES, 2021, v. 1 n. 7 (2021). In: **Anais** [...]: Perspectivas e Desafios. Disponível em: https://lnk.ink/VLnrf. Acesso em: 06 ago. 2025.

hooks, b. **Cinema vivido**: raça, classe e sexo nas telas. São Paulo: Editora Elefante, 2023.

JUNIOR, P. **Corte Seco Revista de Audiovisual**. Versão digital. Juazeiro do Norte, Ceará, 2020, ano 1, edição 2.

MAIS PESADO É O CÉU. Direção: Petrus Cariry. Brasil, 2024. 98 min, sonoro, colorido.

MAPURUNGA, C. O culto ao Cinema de Arte na geração de sessenta em Fortaleza. ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, – MÍDIA ALTERNATIVA E ALTERNATIVAS MIDIÁTICAS, 7. *In*: **Anais** [...], 2009, Fortaleza.

MARIA LUIZA. Direção: Marcelo Diaz, 2020. 80min, sonoro, colorido.

MELO, I. C. Clube de Cinema da Bahia e a sua participação no campo cinematográfico nos anos 1970. **Antíteses**, Londrina, v. 12, n. 23, p. 631-651, jan-jul, 2019.

MENOTTI, G. **Através da sala escura**: dinâmicas espaciais de consumo audiovisual, a sala de cinema e o lugar do VJing. 2007. (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. PUC-SP, São Paulo, 2007.

MIGLIORIN, C. O que é um coletivo? In: **Teia: de anos**, revista IMS, Rio de Janeiro, 2012.

MORIN, E. A alma do cinema. In: XAVIER, I. (org). **A experiência do cinema.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2025.

PEREIRA, R. **Clube de Cinema de Fortaleza**: sociabilidade intelectual e cultura cinematográfica na cidade de Fortaleza (1948-1963). 2017. (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História UFC, Fortaleza, 2017.

PRADO, L. A. **Como tudo começou**. MultiRio, Rio de Janeiro, 20 maio 2013. Disponível em: https://lnk.ink/zAsyj. Acesso em: 12 ago. 2024.

RODRIGUES, A. Cariri ainda exibe vestígios dos seus 'Cinemas de rua'. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 11 de novembro de 2017. Disponível em: https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/cariri-ainda-exibe-vestigios-dos-seus-cinemas-de-rua-1.1849199. Acesso em: 06 de ago. 2025.

SALES, P.C. As práticas do Clube de Cinema de Assis como fortalecimento da cultura cinematográfica no interior. ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 19. *In*: **Anais** [...]. Juiz de Fora, 2014.

TURNER, G. **Cinema como fato social**. Summus Editorial, 1997.

VEIGA, E. Padre Cícero, admirado por Lampião e banido pela Igreja, agora pode virar santo. **BBC News.** [S. l.], 19 jul. 2024. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/articles/c25lvk9rz1lo Acesso em: 03 out. 2026.

ZIZEK, S. **Lacrimae rerum**: ensaios sobre cinema moderno. 2a edição. Boitempo Editorial, 2018.